

GÊNERO TEXTUAL TIRINHA E O SUJEITO SURDO: UM ESTUDO SOBRE ACESSIBILIDADE LINGUÍSTICA NO/PARA ENSINO DE INGLÊS

Francisco Lucas de Andrade Sousa¹

Mauro Silvano Medeiros Pereira²

RESUMO

Este trabalho nasceu do desejo de tornar o ensino de língua inglesa mais acessível, significativo e acolhedor para estudantes surdos com foco na Adaptação de Tirinhas de Língua Inglesa para Alunos Surdos, buscou-se investigar como as tirinhas, por sua natureza visual, lúdica e envolvente, podem contribuir de forma concreta para a aprendizagem desses alunos. A pesquisa, de caráter bibliográfico, dialoga com autores como Vygotsky (1987; 1997), Mantoan (2003), Skliar (1998), Quadros (2006) e Fernandes (2011), que refletem sobre inclusão, bilinguismo e práticas pedagógicas sensíveis à diversidade. Os estudos revelaram que as tirinhas, ao unirem imagem e texto em contextos do cotidiano, favorecem a compreensão de vocabulário, estruturas gramaticais e expressões culturais da língua inglesa. Mais do que recursos didáticos, elas se mostram pontes entre o aluno e o conhecimento, despertando curiosidade, empatia e sentimento de pertencimento. O uso das tirinhas, quando articulado ao trabalho conjunto entre o professor, o profissional do AEE e o intérprete de Libras, fortalece a inclusão, valoriza a Libras como base da aprendizagem e permite que os alunos participem ativamente do processo educativo. Conclui-se que, com sensibilidade, planejamento e criatividade, é possível transformar o ensino de inglês em uma experiência rica e significativa para todos.

Palavras-chave: Ensino de Inglês. Aluno Surdo. Tirinhas.

ABSTRACT

This study stems from the desire to make English language teaching more accessible, meaningful, and welcoming for deaf students. Focusing on the adaptation of English comic strips for deaf learners, it investigates how comic strips, due to their visual, playful, and engaging nature, can effectively contribute to these students' learning. This bibliographic research draws on authors such as Vygotsky (1987, 1997), Mantoan (2003), Skliar (1998), Quadros (2006), and Fernandes (2011), who discuss inclusion, bilingualism, and pedagogical practices sensitive to diversity. Findings show that comic strips, by combining images and text in everyday contexts, enhance the understanding of vocabulary, grammatical structures, and cultural expressions of the English language. More than teaching resources, they serve as bridges between students and knowledge, fostering curiosity, empathy, and a sense of belonging. When integrated into collaborative work between the teacher, the Special Education professional, and the Libras interpreter, the use of comic strips strengthens inclusion, values Libras as the foundation of learning, and enables active student participation in the educational

¹ Discente do Curso de Especialização em Atendimento Educacional Especializado da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA). E-mail: flucassousa@hotmail.com

² Professor/Mestre do Curso de Licenciatura em Letras Libras da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA). E-mail: mauro.medeiros@ufersa.edu.br.

process. The study concludes that, with sensitivity, planning, and creativity, it is possible to transform English teaching into a rich and meaningful experience for all.

Keywords: English Teaching; Deaf Students; Comic Strips.

1. INTRODUÇÃO

A inclusão escolar de estudantes surdos representa um compromisso ético, social e jurídico, exigindo da escola a promoção de práticas pedagógicas que respeitem as diferenças e garantam a equidade no processo de aprendizagem. Nesse contexto, o Atendimento Educacional Especializado desempenha um papel fundamental ao oferecer suporte complementar às práticas do ensino regular, buscando eliminar barreiras que dificultam o pleno desenvolvimento dos alunos.

Entre os muitos desafios que marcam o processo de inclusão, ensinar língua inglesa a estudantes surdos exige mais do que adaptar conteúdos, é preciso repensar práticas, recursos e, sobretudo, posturas pedagógicas. Esse cenário envolve dificuldades que vão desde a barreira linguística já que a Libras é a primeira língua de muitos desses alunos, até a escassez de materiais didáticos realmente acessíveis. Soma-se a isso o fato de que muitos professores ainda não se sentem preparados para lidar com as especificidades desse público, seja por falta de formação adequada, seja pela ausência de apoio institucional.

Diante dessas questões, torna-se fundamental adotar metodologias que respeitem as particularidades linguísticas, culturais e cognitivas dos estudantes surdos. Nesse processo, os recursos visuais se destacam como aliados indispensáveis para tornar o conteúdo mais acessível e estimular a participação ativa dos alunos. As tirinhas, nesse contexto, surgem como uma ferramenta promissora ao combinarem elementos verbais e não verbais de maneira lúdica e instigante, elas podem contribuir significativamente para a construção do conhecimento, além de favorecer o desenvolvimento da autonomia e do senso crítico dos aprendizes.

As tirinhas, ao combinarem imagens sequenciais e linguagem escrita, oferecem uma maneira leve e envolvente de apresentar novos vocabulários, estruturas gramaticais e aspectos culturais da língua inglesa. Mais do que reforçar conteúdos, elas ajudam os estudantes a interpretarem situações, fazer conexões com o cotidiano e participar de forma mais ativa das aulas. Por contarem com uma linguagem visual acessível e contextualizada, respeitam e valorizam a forma como muitos alunos surdos aprendem, se expressam e se relacionam com o mundo ao seu redor.

Este trabalho tem como objetivo geral analisar a aplicação de tirinhas como recurso didático no ensino de inglês para alunos surdos. De forma específica, propõe-se investigar a importância dos recursos visuais no processo de ensino-aprendizagem de línguas para pessoas surdas, identificar os benefícios do uso de tirinhas nesse contexto e sugerir estratégias pedagógicas para sua utilização em sala de aula.

A escolha por esse tema se justifica pela urgência em promover práticas educativas inclusivas e inovadoras, que reconheçam a singularidade dos alunos surdos e fortaleçam seu direito ao acesso pleno ao conhecimento. A pesquisa será de natureza bibliográfica, fundamentada em estudos que abordam a educação de alunos surdos, o ensino de línguas estrangeiras no contexto inclusivo e o papel dos gêneros textuais, especialmente as tirinhas, na mediação pedagógica.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico deste trabalho organiza-se em três eixos principais que fundamentam a proposta da pesquisa. A primeira seção aborda a educação inclusiva e o Atendimento Educacional Especializado, com ênfase nas especificidades dos estudantes surdos e nas estratégias voltadas à garantia de uma aprendizagem acessível e equitativa. Em seguida, discute-se o ensino de língua inglesa para alunos surdos, destacando os desafios pedagógicos envolvidos e a importância de práticas que respeitem as dimensões linguísticas, visuais e culturais desse público. Por fim, apresenta-se a utilização de tirinhas como recurso didático, explorando o potencial desse gênero textual na promoção da aprendizagem de forma lúdica, crítica e visualmente acessível.

A construção dessas seções visa oferecer uma base teórica consistente, articulando os princípios da inclusão com propostas metodológicas inovadoras voltadas ao ensino de línguas para estudantes surdos.

Nesta seção, buscamos aprofundar a reflexão sobre os temas centrais da pesquisa, conectando a teoria com as práticas pedagógicas que podem tornar o ensino de língua inglesa mais acessível e inclusivo para estudantes surdos. Começamos apresentando o Atendimento Educacional Especializado voltado para esses alunos, destacando sua importância dentro da inclusão escolar, seus objetivos e os desafios que ainda precisam ser enfrentados. Também discutimos as políticas e leis que garantem o direito a uma educação bilíngue e que respeite as particularidades dos estudantes surdos.

Em seguida, abordamos os desafios específicos do ensino de inglês para essa comunidade, levando em conta suas características linguísticas, culturais e cognitivas. Falamos

sobre a Libras como primeira língua e o português escrito como segunda, o que torna o aprendizado do inglês uma terceira língua, aumentando a complexidade do processo. Além disso, refletimos sobre as dificuldades relacionadas à falta de metodologias adequadas, materiais acessíveis e formação específica dos professores.

Depois, destacamos a importância dos recursos visuais e das estratégias pedagógicas que ajudam os alunos surdos a compreender melhor o conteúdo, participar das aulas e desenvolver sua autonomia. Apresentamos maneiras de usar a comunicação visual e a ludicidade para tornar o aprendizado mais significativo.

Por fim, exploramos o uso das tirinhas como um recurso didático que combina imagens e textos de forma leve e criativa, facilitando a aprendizagem e aproximando o conteúdo da realidade dos estudantes. Mostramos como esse recurso pode contribuir para que os alunos desenvolvam suas habilidades comunicativas de forma mais engajada e inclusiva.

2.1 EDUCAÇÃO INCLUSIVA E SUJEITO SURDO

Falar sobre educação inclusiva é reconhecer que a escola precisa estar preparada para acolher a diversidade dos estudantes, ajustando suas práticas às necessidades de cada um, e não o contrário. Como destaca Mantoan (2003), incluir é garantir que todos tenham, de fato, oportunidades para aprender e participar da vida escolar, respeitando suas particularidades. No caso dos estudantes com deficiência auditiva, isso significa reconhecer a Libras como sua primeira língua e criar estratégias que valorizem sua forma de comunicação, promovendo um ensino mais visual e acessível.

A autora supracitada (2003), que é referência nacional em educação inclusiva, afirma:

A inclusão escolar implica o reconhecimento de que todos os alunos têm o direito de aprender juntos e de serem respeitados em suas singularidades. Isso exige mudanças significativas na organização da escola, no currículo, na prática pedagógica e na formação dos professores. O ensino deve ser pensado de forma a garantir a participação e a aprendizagem de todos, inclusive dos que apresentam alguma deficiência (Mantoan, 2003, p. 27).

Com essa afirmação, Mantoan (2003) chama a atenção para a necessidade de enxergar a escola como um espaço que acolhe a diversidade em sua totalidade. Incluir não significa apenas permitir que todos estejam no mesmo ambiente, mas garantir que cada aluno seja respeitado em sua maneira única de ser, aprender e se expressar. Para isso, é preciso repensar a estrutura da escola, o currículo e as práticas pedagógicas, de forma que elas realmente favoreçam a participação e o aprendizado de todos.

Essa forma de pensar a educação está alinhada com o que defende a legislação brasileira. A Lei Brasileira de Inclusão (Lei nº 13.146/2015) e a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (MEC, 2008) reforçam que é dever do sistema educacional garantir não apenas o acesso, mas também a permanência e a participação ativa dos estudantes com deficiência nas escolas. Para isso, o Atendimento Educacional Especializado deve ser oferecido sempre que necessário, preferencialmente dentro da própria escola regular, como forma de garantir apoio às suas necessidades específicas e promover uma educação verdadeiramente inclusiva.

Quando pensamos no ensino de inglês para alunos surdos, é fundamental entender como esse processo acontece. Quadros (2006) aponta que a aprendizagem de uma segunda língua por pessoas surdas precisa ser mediada pela língua de sinais, pois é por meio dela que o aluno se comunica de forma mais clara e constrói significados com mais segurança. Nesse contexto, recursos como as tirinhas se destacam. Elas combinam texto e imagem de maneira envolvente, facilitando a compreensão e tornando o aprendizado mais interessante e próximo da realidade dos alunos.

Portanto é importante salientar que a condição de ser surdo pode se manifestar de diferentes formas, variando entre graus leve, moderado, severo e profundo. Essas diferenças impactam diretamente na forma como cada pessoa percebe os sons, o que, por sua vez, influencia o desenvolvimento da linguagem oral e o processo de alfabetização.

Por isso, é fundamental que as práticas pedagógicas levem em conta as particularidades dos estudantes surdos e valorizem formas de comunicação que realmente façam sentido para eles. O uso da Libras, por exemplo, é essencial, pois respeita sua língua natural e facilita a construção do conhecimento de maneira mais significativa. Como explicam Quadros e Karnopp (2004), a Libras é uma ferramenta central no processo de aprendizagem dos surdos, sendo o meio pelo qual eles melhor compreendem e se expressam. Além disso, Strobel (2008) reforça que recursos visuais como imagens, vídeos, ilustrações e outros elementos gráficos não são apenas complementares, eles são indispensáveis para tornar o conteúdo acessível, atrativo e, principalmente, possível de ser apropriado pelos alunos.

Como destaca Mittler (2003), incluir não é apenas colocar o estudante surdo na sala de aula, mas garantir que ele se sinta parte do grupo, que tenha condições reais de participar e que suas necessidades sejam respeitadas. Para isso, é preciso repensar tanto os materiais utilizados quanto às estratégias de ensino, buscando caminhos mais sensíveis e eficazes.

Para estudantes surdos, a Libras tem um papel central na forma como se comunicam, aprendem e constroem conhecimento. Por ser, muitas vezes, sua primeira língua, ela não deve

ser vista como algo a mais ou apenas um apoio, mas como parte essencial do processo educativo. Quando o ensino de língua inglesa reconhece essa importância e incorpora a Libras de maneira sensível e planejada, o ambiente de aprendizagem se torna mais acolhedor, acessível e verdadeiramente significativo para esses alunos.

Nesse caminho, o Atendimento Educacional Especializado tem um papel essencial, oferece apoio individualizado e adapta materiais conforme as necessidades dos alunos surdos. No ensino de inglês, o Atendimento Educacional Especializado pode trabalhar em conjunto com o professor regente, oferecendo estratégias visuais, auxiliando na mediação por meio da Libras e ajudando a criar um ambiente de aprendizado mais acessível e inclusivo. Segundo a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (BRASIL, 2008), o papel do AEE é complementar a formação dos estudantes com deficiência, garantindo que eles tenham acesso ao currículo regular e mantendo uma colaboração constante com os professores da sala comum.

O pesquisador Skliar (1998), que discute a valorização da diferença no processo educativo, em que afirma:

Trata-se de compreender que a diferença não é um problema a ser corrigido, mas uma condição humana a ser acolhida. A escola inclusiva é aquela que reconhece a diversidade como um valor e não como um obstáculo. Não se trata de adaptar o aluno à escola, mas de adaptar a escola aos alunos, todos eles, com suas formas próprias de ser, de aprender, de comunicar-se (Skliar, 1998, p. 45).

Um fator importante é que essa não é uma tarefa exclusiva do professor, a inclusão é uma responsabilidade coletiva, toda a comunidade escolar precisa estar envolvida, com sensibilidade, escuta ativa e disposição para aprender com o outro. Quando trazemos recursos como as tirinhas para o ensino de inglês, damos um passo concreto rumo a uma educação mais justa e criativa.

Como destaca Mittler (2003), a inclusão de verdade acontece quando o aluno se sente parte daquilo que está vivendo. Não basta estar presente na sala de aula, é importante que ele se enxergue no conteúdo, sinta que consegue entender o que está sendo ensinado e que tem liberdade para se expressar. Nesse sentido, as tirinhas podem ser uma ótima ferramenta, desde que sejam escolhidas com cuidado e adaptadas com sensibilidade. Isso significa trazer temas próximos da realidade dos alunos surdos, usar imagens bem claras, organizar os quadrinhos de forma visualmente acessível e, sempre que necessário, traduzir os textos para Libras. Com essas adaptações, as tirinhas deixam de ser apenas um material didático e passam a ser pontes que

aproximam o aluno do aprendizado e do sentimento de pertencimento. A seguir um exemplo de tirinha que pode ser utilizada.

A teoria de Vigotski (1997) nos ajuda a pensar sobre o uso de recursos, como os de imagem junto ao texto. Para ele (1997), o desenvolvimento do aluno acontece nas interações sociais, dentro de um contexto cultural. Isso significa que aprender não é um processo solitário, e sim algo que acontece com o apoio do outro e dos recursos ao redor. Por isso, garantir um ambiente de ensino que favoreça a troca, o uso de diferentes linguagens e a valorização da Libras é fundamental para que o aluno surdo possa realmente se sentir parte da construção do conhecimento.

Um dos conceitos mais importantes que Vigotski (1997) nos traz é o da Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP). Simplificando, a ZDP é o espaço entre o que o aluno já consegue fazer sozinho e o que ele ainda não é capaz de fazer sem ajuda. Esse espaço é crucial para o aprendizado, porque é aí que o aluno está desafiado de maneira produtiva, com o suporte necessário para crescer. Para os alunos surdos, isso significa que, ao trabalhar com materiais adequados, como tirinhas ou até mesmo o professor pode ajudar o aluno a alcançar esse novo nível de aprendizado, ampliando suas habilidades de forma acessível e eficaz.

Vigotski (1997) acreditava que a linguagem tem um papel central na aprendizagem. E não é falando apenas da linguagem oral ou escrita, mas de todas as formas de comunicação, como a Libras para os alunos surdos. A Libras é, para muitos educandos surdos, a língua natural, e isso é algo que deve ser reconhecido e respeitado no processo de ensino. Quando um professor adota a Libras como ferramenta de mediação, ele não está apenas facilitando o entendimento do aluno, mas também promovendo o desenvolvimento cognitivo dele. Isso é, sem dúvida, um passo importante para a aprendizagem de uma nova língua, como o inglês.

Vigotski acreditava que a aprendizagem acontece com a ajuda de mediações simbólicas, ou seja, por meio de diferentes formas de linguagem, como imagens, gestos, desenhos e palavras. Esses recursos ajudam a dar sentido ao que está sendo aprendido. No entanto, quando falamos da educação bilíngue para surdos, é importante ter cuidado com essa ideia. Usar vários tipos de linguagem ao mesmo tempo como sinais improvisados, gestos e fala, pode acabar lembrando a antiga prática da comunicação total, que não respeitava a Libras como língua principal dos surdos. Na perspectiva bilíngue, a Libras deve ser o principal meio de mediação, pois é através dela que o aluno realmente compreende e se sente parte do processo de aprendizagem.

A visão de Vigotski (2007) sobre aprendizagem nos lembra que esse é um processo dinâmico, social e mediado culturalmente. Para o autor, aprender não é apenas memorizar

informações, mas sim envolver-se ativamente com o conhecimento por meio da interação com outras pessoas e com o mundo ao redor.

A aprendizagem acontece no que ele chama de *zona de desenvolvimento proximal*, um espaço em que o aluno, com o apoio de um mediador mais experiente, consegue avançar além do que faria sozinho. Assim, a sala de aula não deve ser um ambiente passivo, em que o estudante é apenas um receptor de conteúdo, mas sim um espaço de trocas, diálogo e construção conjunta de saberes. Nesse sentido, quando o professor propõe metodologias que favorecem a interação, a colaboração e o uso de materiais significativos como as tirinhas, ele promove não apenas o ensino da língua inglesa, mas também a criação de um ambiente inclusivo, acolhedor e transformador, onde todos os alunos, inclusive os surdos, podem participar ativamente da construção do próprio conhecimento. Como destacam Oliveira (1992) e Rego (2010), a aprendizagem significativa ocorre quando o sujeito se sente parte do processo, com seus saberes valorizados e suas necessidades respeitadas.

2.2 ENSINO DE LÍNGUA INGLESA PARA ALUNOS SURDOS

Ensinar uma língua estrangeira a estudantes surdos é, antes de tudo, um exercício de empatia, escuta e criatividade. Mais do que um desafio técnico, é uma oportunidade de reconhecer a riqueza e a singularidade de cada aluno, valorizando sua forma única de perceber o mundo e de se comunicar. Professores que atuam na educação bilíngue de surdos, como aponta Quadros (2004), relatam experiências significativas, em que o uso de recursos visuais, o respeito à Libras como língua de instrução e a mediação sensível tornam o processo de ensino-aprendizagem mais eficaz e humano. Nessas vivências, não é raro encontrar histórias de alunos que, ao se verem compreendidos por meio de sua língua, sentem-se valorizados não apenas em seus gestos, mas também em suas identidades, desejos e sonhos. Ensinar, nesse contexto, transforma tanto quem aprende quanto quem ensina.

A aprendizagem de línguas por alunos surdos não segue os mesmos caminhos da aprendizagem de ouvintes, ela envolve outras formas de mediação, percepção e produção linguística, exigindo um olhar sensível e atento às suas especificidades. Promover estratégias didáticas adequadas é, portanto, um gesto de respeito e de compromisso com a inclusão, fundamentado em teorias da educação bilíngue e da pedagogia visual.

Quadros (2006) nos lembra que a língua de sinais deve ser o principal instrumento de mediação no ensino de uma segunda língua para estudantes surdos. A Libras não é um recurso acessório, mas sim a base cognitiva e linguística a partir da qual o aluno surdo pode acessar,

compreender e ressignificar os conteúdos em inglês. Para que isso aconteça de forma significativa, é fundamental que os professores estejam preparados, o que envolve não apenas domínio de conteúdos linguísticos, mas também conhecimento sobre a identidade surda, a aquisição bilíngue e o papel da Libras no desenvolvimento do pensamento e da aprendizagem.

Preparar-se também significa estar disposto a ouvir, observar, adaptar metodologias e, sobretudo, reconhecer o aluno surdo como sujeito de direito linguístico e cultural. Quando o professor compreende esse processo, ele não ensina apenas palavras: ele constrói pontes entre línguas e culturas, dá visibilidade a histórias que antes eram silenciadas e contribui para uma educação verdadeiramente inclusiva.

As dificuldades enfrentadas por alunos surdos no processo de aprendizagem da língua inglesa são diversas e, muitas vezes, complexas. Uma das principais barreiras é o distanciamento fonológico entre a Libras e o inglês, enquanto a Libras é uma língua visual-espacial, o inglês é essencialmente oral-auditivo, o que dificulta o acesso direto à sua estrutura sonora e fonética.

Além disso, muitos desses alunos não têm uma base sólida na língua portuguesa, o que impacta diretamente na aprendizagem de uma terceira língua. Soma-se a isso a escassez de materiais didáticos realmente acessíveis, que considerem a Libras como língua de instrução, e a baixa presença do inglês no cotidiano social e midiático dos alunos surdos, o que dificulta a imersão e a prática. Como ressaltam Fernandes (2011) e Lacerda (2012), tais desafios podem gerar sentimento de frustração, insegurança e desmotivação, especialmente quando o aluno não se sente representado ou compreendido no processo de ensino.

Diante disso, é fundamental que o professor se pergunte “Como posso tornar esse conteúdo mais próximo, mais visual, mais significativo?”. Essa reflexão exige mais do que adaptar atividades; implica repensar o próprio papel docente. Significa planejar aulas com intencionalidade, usar recursos visuais eficazes, respeitar o tempo de aprendizagem dos alunos surdos e, principalmente, reconhecer a Libras como aliada central no processo.

Fernandes (2011) destaca que imagens, vídeos, quadrinhos, infográficos, mapas mentais, animações e tantos outros suportes visuais não apenas facilitam a compreensão, como também despertam o interesse, a curiosidade e o prazer em aprender. Eles criam pontes entre o conteúdo e o cotidiano dos alunos, favorecendo a construção de sentidos. Quando um aluno com deficiência auditiva vê uma imagem e entende uma piada, uma metáfora ou um sentimento ali representado, ele sente que aquele conteúdo também foi feito para ele.

Em meio aos desafios, é importante destacar experiências que deram certo, pois elas podem servir de inspiração para novas práticas. Projetos como o “Inglês e Libras” e iniciativas

realizadas em escolas bilíngues para alunos surdos têm mostrado que, com a mediação certa e o uso de materiais visualmente acessíveis, é sim possível alcançar avanços significativos no ensino de inglês como segunda língua. Estudos como o de Santana (2015), por exemplo, analisaram experiências em salas bilíngues e comprovaram que, quando o ensino é adaptado à realidade linguística e cultural do aluno surdo, os resultados aparecem não apenas no desempenho acadêmico, mas também na autoestima e no engajamento dos estudantes.

Skliar (1998) e Karnopp (2006) enfatizam que o ensino para educandos surdos deve partir de uma pedagogia visual, que respeite a forma como esses alunos vêem, sentem e compreendem o mundo. Trabalhar com narrativas visuais, esquemas, mapas conceituais e recursos interativos é mais do que adaptar uma aula, é construir, junto com o aluno, uma experiência de aprendizagem viva, significativa e conectada com sua identidade.

Essas experiências bem-sucedidas mostram que, quando se aposta no potencial do aluno e se oferece o suporte necessário, ele responde com protagonismo. No entanto, para que isso aconteça de forma consistente, é essencial compreender que o ensino de inglês para estudantes surdos precisa respeitar sua forma própria de aprender. Como destacam Skliar (1998) e Karnopp (2006), é preciso partir de uma pedagogia visual uma abordagem que leve em conta como esses alunos vêem, sentem e constroem sentido sobre o mundo. Utilizar narrativas visuais, esquemas, mapas conceituais e recursos interativos vai muito além de adaptar conteúdos: trata-se de construir, junto com o aluno, uma experiência de aprendizagem viva, significativa e coerente com sua identidade linguística e cultural.

Nesse contexto, vale destacar também o papel fundamental da formação docente. O conhecimento sobre Libras, metodologias visuais e o uso de tecnologias assistivas deve ser parte integrante tanto da formação inicial quanto da formação continuada dos professores de língua inglesa. Só assim será possível desenvolver práticas mais inclusivas e eficazes, capazes de romper com modelos engessados e excludentes. Afinal, ensinar é um processo em constante construção, e a verdadeira inclusão começa com a disposição de aprender, inclusive com os próprios alunos.

2.3 O USO DE TIRINHAS NO ENSINO DE LÍNGUA INGLESA PARA ALUNOS SURDOS

O ensino de língua inglesa no contexto da educação inclusiva exige reflexões cuidadosas sobre as estratégias didáticas utilizadas, especialmente quando se trata de alunos surdos. Esses estudantes apresentam formas de apreensão e processamento linguístico distintas, sendo

imprescindível que o processo educativo leve em consideração suas particularidades linguísticas, culturais e perceptivas.

A condição de ser surdo, por impactar a percepção sonora, pode interferir diretamente no desenvolvimento da linguagem oral e, conseqüentemente, nas formas tradicionais de ensino de línguas. No entanto, essa condição não deve ser encarada como uma limitação absoluta, mas como uma diferença que exige adaptações pedagógicas e respeito à diversidade linguística. Como afirma Skliar (1998), é preciso compreender que a educação de pessoas surdas não se limita a integrá-las à escola regular, mas a garantir-lhes o direito de aprender por meio de estratégias que dialoguem com sua realidade linguística e comunicativa. A Libras, nesse sentido, é reconhecida como língua natural da comunidade surda brasileira, conforme a Lei nº 10.436/2002, e deve ser considerada como elemento fundamental na mediação pedagógica. No entanto, o ensino de línguas adicionais, como o inglês, também pode e deve ser acessível a esses alunos, desde que seja estruturado com base em recursos visuais e metodologias inclusivas.

Os estudos de Vygotsky (1987) enfatizam que a aprendizagem se dá por meio da interação social mediada por instrumentos e signos. Para alunos surdos, essa mediação deve ocorrer predominantemente por meio do canal visual, sendo os recursos imagéticos fundamentais para a construção de sentidos.

De acordo com Marcuschi (2008), as tirinhas são gêneros pluralmente semióticos que integram a linguagem verbal e não verbal na construção de sentidos. Por isso, constituem-se em excelentes ferramentas para o ensino de línguas, sobretudo quando se busca atender às necessidades de estudantes que aprendem prioritariamente por meio de estímulos visuais.

As imagens funcionam como pistas semânticas que ajudam na interpretação do texto escrito, além de contextualizar o uso de expressões idiomáticas, tempos verbais e vocabulários específicos da cultura de língua inglesa. Dessa forma, o uso de tirinhas pode facilitar tanto a compreensão quanto a produção linguística, ao promover o uso do idioma em situações comunicativas próximas da realidade dos estudantes.

É importante destacar que o ensino de línguas para alunos surdos não deve se limitar à memorização de vocabulário isolado ou à tradução literal de palavras. Pelo contrário, é fundamental criar situações de aprendizagem que promovam a compreensão global do enunciado, levando o aluno a interpretar o sentido completo da mensagem em vez de se apegar apenas a fragmentos. Segundo Pereira e Karnopp (2013), compreender um enunciado envolve reconhecer a intenção comunicativa, o contexto e os elementos visuais que compõem o discurso, aspectos especialmente importantes no ensino de línguas para surdos.

Nesse processo, o uso de expressões em contextos significativos e a associação entre imagem, gesto, sinal e palavra escrita tornam-se estratégias essenciais. Como afirmam Lodi e Harrison (2015), é indispensável que os professores valorizem a experiência visual e os conhecimentos prévios dos alunos surdos, construindo pontes entre os signos da Libras, da língua portuguesa escrita e da língua inglesa. Esse olhar sensível e integrado contribui para uma aprendizagem mais viva, contextualizada e respeitosa com a trajetória linguística de cada estudante.

O uso de tirinhas no ensino de inglês permite a criação de diversas atividades pedagógicas, como leitura e interpretação de quadrinhos, tradução para Libras, reordenação de quadros, reescrita de falas, produção de novas tirinhas e dramatizações. Tais estratégias desenvolvem não apenas habilidades linguísticas, mas também competências cognitivas, criativas e sociais. Segundo Mendes (2010), a inclusão efetiva exige práticas pedagógicas que reconheçam as singularidades dos estudantes e ofereçam condições reais de participação e aprendizagem.

Pereira e Silva (2017), indicam que o uso de tirinhas e histórias em quadrinhos com alunos surdos resultou em maior engajamento, melhora na compreensão textual, ampliação do vocabulário e maior interesse pelo aprendizado da língua inglesa. Esses resultados apontam para a eficácia desse gênero textual como ferramenta facilitadora no ensino de línguas em contextos inclusivos. Além disso, o humor e a crítica presentes nas tirinhas contribuem para a formação de leitores críticos e conscientes, ampliando o repertório cultural e linguístico dos estudantes.

No âmbito do Atendimento Educacional Especializado, é fundamental que os professores estejam dispostos para selecionar, adaptar e utilizar materiais pedagógicos que dialoguem com a realidade dos alunos com deficiência. O uso de tirinhas exige sensibilidade estética, didática e cultural, uma vez que as imagens e textos devem ser acessíveis, pertinentes e culturalmente relevantes.

Cabe ao profissional do Atendimento Educacional Especializado (AEE) apoiar o professor regente na construção de estratégias pedagógicas inclusivas, além de oferecer um atendimento individualizado que respeite os ritmos e as formas de aprendizagem de cada estudante. A Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (BRASIL, 2008) estabelece que o AEE tem como função eliminar barreiras à aprendizagem e à participação, promovendo o desenvolvimento da autonomia e assegurando o direito de todos à educação de qualidade. Em consonância com essa diretriz, a Lei nº 13.146/2015 conhecida como Estatuto da Pessoa com Deficiência, reforça a importância de garantir recursos, serviços

e adaptações pedagógicas que permitam a plena participação dos estudantes com deficiência na vida escolar.

Nesse contexto, o professor do AEE tem como atribuições identificar e elaborar recursos pedagógicos e de acessibilidade, produzir materiais adaptados, propor intervenções alinhadas ao Projeto Político-Pedagógico da escola, orientar os colegas e familiares sobre as estratégias utilizadas e articular-se com os professores da sala comum para garantir a inclusão efetiva dos alunos.

É importante destacar que o AEE não deve ser confundido com reforço escolar, trata-se de um serviço complementar, que atua diretamente na superação das barreiras educacionais enfrentadas pelos estudantes com deficiência. Esse trabalho, quando realizado com intencionalidade, sensibilidade e conhecimento técnico, tem o potencial de transformar desafios em oportunidades e tornar a escola um espaço mais justo, acolhedor e acessível para todos.

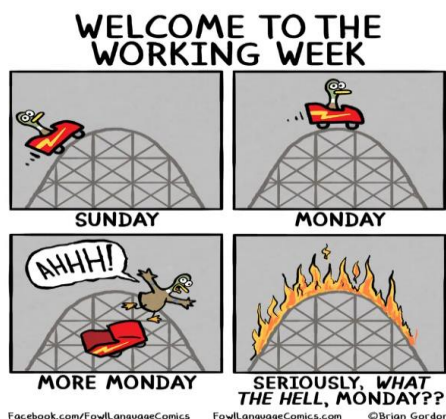
Com base em todas essas reflexões, pode-se afirmar que as tirinhas constituem uma prática pedagógica promissora no ensino de inglês para alunos surdos. Sua natureza visual, sua estrutura narrativa e seu potencial lúdico e crítico favorecem uma aprendizagem significativa, contextualizada e acessível. Ao utilizá-las, o professor reconhece e valoriza as diferenças, oferecendo aos alunos oportunidades reais de participação e aprendizado. Assim, o uso de tirinhas vai ao encontro dos princípios da educação inclusiva, da valorização da diversidade e da construção de uma escola mais equitativa e acolhedora para todos.

3 ANALISANDO TIRINHAS COMO RECURSO VISUAL NO ENSINO DE INGLÊS PARA ALUNOS SURDOS

Trabalhar com tirinhas em sala de aula é uma forma leve, envolvente e eficaz de ensinar inglês, especialmente quando pensamos na inclusão de alunos surdos. As histórias em quadrinhos unem imagem e texto de forma natural, despertando o interesse e facilitando a compreensão de conteúdos que, em outros formatos, poderiam parecer mais difíceis.

A seguir, temos algumas tirinhas que podem ajudar significativamente no aprendizado da língua inglesa do aluno surdo, facilitando assim o seu processo educativo dentro do contexto escolar.

FIGURA 1– FOWL LANGUAGE.



FONTE: GCOMICS (2025).

A tirinha “*Welcome to the Working Week*”, do artista Brian Gordon (2025), retrata de forma bem-humorada e visualmente expressiva o impacto que a segunda-feira costuma causar nas pessoas. A história mostra um pato animado em um carrinho de montanha-russa, iniciando seu trajeto de forma tranquila no domingo, alcançando o topo na manhã de segunda-feira e, em seguida, despencando ladeira abaixo, até que tudo termina em chamas. Essa sequência simples, mas cheia de significado, consegue transmitir emoções complexas com poucos elementos verbais, o que a torna especialmente valiosa como recurso pedagógico no ensino da língua inglesa para estudantes surdos, sobretudo no contexto do Atendimento Educacional Especializado.

O principal valor dessa tirinha está no seu apelo visual. Ela apresenta por meio de imagens, expressões faciais e ações, permitindo que o aluno compreenda a mensagem mesmo sem apoio da oralidade. Para estudantes com barreiras comunicacionais, isso representa um diferencial importante, pois amplia o acesso ao conteúdo e favorece uma aprendizagem mais significativa. Como destaca Lodi (2013), o ensino para surdos deve partir de uma perspectiva visual, respeitando a forma como esses alunos constroem sentido a partir do mundo. O uso de tirinhas, nesse contexto, oferece uma rica combinação entre linguagem visual, humor, cotidiano e emoção, elementos que contribuem para despertar o interesse, facilitar a compreensão e promover a aprendizagem em diferentes níveis.

Além disso, a tirinha de Brian Gordon traz elementos familiares ao aluno, como os dias da semana, sentimentos como medo, surpresa e frustração, e até expressões idiomáticas, o que permite ao professor explorar vocabulário, gramática e leitura em inglês de forma contextualizada. Segundo Lacerda e Santos (2012), quando o conteúdo é apresentado de

maneira significativa e adaptada à realidade do aluno surdo, ele não apenas compreende melhor, mas se engaja com mais autonomia e protagonismo no processo de aprendizagem.

Ao utilizar esse tipo de recurso em sala de aula, o educador pode explorar diferentes formas de mediação como Libras, dramatizações ou imagens de apoio e, assim, ampliar as possibilidades de participação dos estudantes. O humor da tirinha ainda convida à identificação pessoal, estimulando o aluno a expressar suas próprias experiências e sentimentos de maneira criativa. A partir da tirinha “*Welcome to the Working Week*”, de Brian Gordon (2025), muitas possibilidades se abrem para o trabalho com a língua inglesa de forma acessível, criativa e sensível às necessidades dos alunos surdos no Atendimento Educacional Especializado.

Quando pensamos no vocabulário, a exemplo, temos uma ótima oportunidade de apresentar palavras que fazem parte do cotidiano, como *Sunday, Monday, roller coaster, fire e scream*.³ Essas palavras, quando associadas às imagens da tirinha e aos sinais em Libras, tornam-se mais fáceis de compreender e memorizar. A criação de cartões ilustrados ou jogos com imagens pode tornar esse momento ainda mais leve e divertido. Já no campo da gramática, é possível trabalhar frases curtas e claras que relacionam os dias da semana com sentimentos ou ações simples. Frases como “*He is happy on Sunday ou He was scared on Monday*”⁴, ganham vida quando conectadas às expressões do personagem e às cenas da tirinha, ajudando o aluno a visualizar o que está acontecendo e entender o uso do tempo verbal.

A produção escrita pode nascer do convite à reescrita da história da tirinha com frases simples ou mesmo da criação de uma nova tirinha, com recursos imagéticos, em que o aluno possa imaginar outro personagem, outro cenário ou outro dia da semana. Com pranchas de apoio, imagens, ilustrações, bem como proporcionando liberdade para colocar suas ideias no papel, exercitando a escrita de maneira significativa e respeitosa ao seu tempo e modo de aprender. O uso de tirinhas no ensino de inglês não se restringe à mera aprendizagem lexical; trata-se da criação de experiências significativas de linguagem, que integram elementos visuais, gestuais, afetivos e criativos na construção de sentidos. Conforme Vygotsky (2001), o aprendizado ocorre por meio da mediação simbólica e da interação social, o que torna os recursos visuais especialmente relevantes no ensino de alunos surdos.

Nesse contexto, as tirinhas funcionam como instrumentos semióticos que facilitam a compreensão e promovem o engajamento dos estudantes, valorizando suas formas próprias de aprender e se expressar. Para o aluno surdo, isso representa não apenas o acesso ao conteúdo,

³ Domingo, Segunda, Montanha-Russa, fogo e gritar.

⁴ Ele está feliz no Domingo ou Ele estava com medo na Segunda-feira.

mas o reconhecimento de sua identidade linguística e cultural, dentro de um ambiente inclusivo onde a comunicação é construída por pontes e não limitada por barreiras (STROBEL, 2008).

FIGURA 2 – TIRINHA PEANUTS.



FONTE: GCOMICS (2025)

Essa tirinha da famosa série *Peanuts*, de Charles M. Schulz, retrata um momento simples, mas cheio de afeto entre a personagem Lucy e o cachorro Snoopy. Na primeira cena, Lucy se aproxima de Snoopy, que está sentado tranquilamente. Em seguida, ela faz carinho na cabeça dele, representado pela repetição do som “PAT PAT PAT”. Logo depois, ela o abraça com força e solta um “MMMMMM!”, mostrando o quanto aquele gesto de carinho é reconfortante. Na última cena, já se afastando com um sorriso no rosto, Lucy diz: “Happiness is a warm puppy”⁵.

A tirinha analisada pode ser utilizada em sala de aula como ponto de partida para desenvolver vocabulário emocional (como "happiness", "warm", "puppy"), estruturas básicas de frase e leitura inferencial, mesmo com alunos que ainda estejam em níveis iniciais de proficiência. O uso de onomatopeias (“PAT PAT PAT” e “MMMMMM!”), expressões faciais e linguagem corporal também favorecem a compreensão sem que o texto verbal seja a única via de entendimento, aspecto crucial quando se trabalha com alunos surdos que ainda estão em processo de alfabetização em língua portuguesa e aquisição do inglês como uma nova língua.

Do ponto de vista das multiliteracias, como propõem The New London Group (1996), o ensino de línguas deve incluir múltiplas formas de representação e expressão. A tirinha promove exatamente isso, integra imagens, texto, gestos e emoções em uma narrativa curta, favorecendo diferentes modos de leitura e produção de sentido. Isso amplia as possibilidades de acesso ao conteúdo para os alunos surdos e permite que se expressem de forma mais autêntica e significativa. Essa forma de contar histórias, por meio de imagens, favorece a aprendizagem visual e o reconhecimento de estruturas da língua inglesa de maneira contextualizada. Como lembra Vygotsky(1991), o aprendizado se torna mais significativo quando está carregado de emoções e faz sentido para quem aprende.

⁵ “Felicidade é um filhote quentinho.”

FIGURA 3 – TIRINHA GET FUZZY..



FONTE: GCOMICS (2025)

A tirinha, “*Get Fuzzy*”, aposta no humor, começa com uma abelha zumbindo, assustando um dos personagens, que grita “YAAA!”. Os outros, sem entender o motivo do susto, acham que ele está começando “a onda” (the wave), aquele gesto coletivo que se faz em estádios. No final, a confusão é revelada com a pergunta “*Are we not doing the wave?*”⁶

Essa tirinha é interessante para trabalhar a linguagem cotidiana, perguntas simples e até expressões idiomáticas, de forma divertida e acessível. Além disso, o humor e o exagero visual ajudam os alunos a compreenderem o contexto mesmo sem ouvir os sons, reforçando o entendimento a partir das imagens.

O uso de materiais visuais como esses é fundamental no ensino de inglês para estudantes surdos. Como afirmam Quadros e Schmiedt (2006), “para que a aprendizagem ocorra de forma significativa, é preciso que o conteúdo seja apresentado com apoio de recursos visuais e em uma linguagem acessível, permitindo ao aluno a construção do conhecimento a partir de sua própria experiência” (p.89). A fala de Quadros e Schmiedt (2006) reforça algo muito importante quando pensamos no ensino de inglês para alunos surdos, para que a aprendizagem realmente aconteça, é preciso que o conteúdo faça sentido e esteja próximo da forma como esses alunos se comunicam e aprendem. Como eles têm na Libras uma língua visual e gestual, é fundamental que o ensino da língua inglesa também explore recursos visuais, como imagens, tirinhas, vídeos, gestos e expressões.

Essas pequenas histórias em quadrinhos, repletas de imagens, gestos e expressões, potencializam o enunciado, elas criam sentido, despertam emoções e aproximam o aluno do conteúdo de forma natural e envolvente. Para estudantes que têm na Libras sua principal forma de comunicação e que aprendem melhor por meio de estímulos visuais, as tirinhas se transformam em pontes valiosas para o aprendizado da língua inglesa.

⁶ “*Não estamos fazendo a onda?*”

Ao utilizar tirinhas como as famosas *Peanuts* e *Get Fuzzy*, o professor pode propor uma série de atividades que desenvolvem diferentes habilidades de forma integrada e acessível. Uma primeira proposta pode ser trabalhar a compreensão visual e a sequência dos acontecimentos. Basta recortar os quadrinhos e entregá-los embaralhados para que os alunos tentem organizá-los de acordo com a lógica da história. Esse tipo de atividade estimula a leitura das imagens, a percepção de detalhes, a construção de significado mesmo antes do contato com o texto em inglês, ou seja, favorece uma aprendizagem baseada no que o aluno vê, entende e interpreta.

Além de entender a história, as tirinhas também são ótimas para ampliar o vocabulário e explorar expressões idiomáticas. A tirinha *Peanuts*, a exemplo, traz a frase “**Happiness is a warm puppy**”, que pode ser trabalhada de maneira afetiva e criativa. O professor pode perguntar, “o que mais traz felicidade”? Como seria a frase “Happiness is...” para cada um? Já na tirinha *Get Fuzzy*, temos uma situação engraçada com a expressão “doing the wave”, e isso abre espaço para falar sobre o uso de gírias e expressões do dia a dia. Tudo isso pode ser feito com apoio visual, e vídeos, formas que favorecem o entendimento mesmo sem depender da audição.

Outra proposta interessante é trabalhar a tradução e a reescrita das tirinhas com apoio da Libras. Os alunos podem apresentar a tirinha em Libras para a turma, explicando o que acontece em cada quadrinho, e depois reescrever a história com seus próprios personagens, utilizando o inglês aprendido. Essa é uma forma de valorizar a Libras como língua de instrução e, ao mesmo tempo, permitir que o aluno com deficiência auditiva construa o conhecimento de forma ativa e significativa.

Por fim, a produção de tirinhas próprias também pode ser uma atividade extremamente rica no ensino de língua inglesa, especialmente quando se trabalha com estudantes surdos. Ferramentas digitais como o *Canva* ou o *Pixton* oferecem recursos acessíveis e intuitivos que permitem aos alunos criarem suas próprias histórias em quadrinhos, escolhendo personagens, cenários, emojis, balões de fala e, em alguns casos, até representações gráficas de sinais. Essa prática amplia o espaço de participação do aluno, permitindo que ele seja não apenas receptor de informações, mas autor do próprio processo de aprendizagem.

Ao criar suas próprias tirinhas, os estudantes têm a oportunidade de experimentar a língua inglesa em um contexto significativo, aplicando o vocabulário e as estruturas aprendidas de forma criativa e pessoal. Além de trabalhar aspectos linguísticos, essa atividade valoriza a expressão individual, o senso estético e a construção de sentido a partir da experiência de cada aluno. No caso dos surdos, isso é ainda mais potente, pois permite que a língua inglesa seja

explorada em articulação com a Libras, com a comunicação visual e com elementos que fazem parte do seu repertório comunicativo.

Como defende Paulo Freire (1996), "ensinar exige respeito à autonomia do educando" e também "exige alegria e esperança". Ao possibilitar que os alunos construam suas próprias narrativas, o professor reconhece e respeita sua autonomia, sua criatividade e seus modos próprios de ver o mundo. Em vez de apenas reproduzir frases ou traduzir palavras, o aluno passa a produzir linguagem com sentido, protagonizando sua aprendizagem. Dessa forma, atividades como a criação de tirinhas se alinham a uma pedagogia inclusiva, crítica e sensível às singularidades de cada estudante, tornando o processo de aprender uma nova língua mais humano, participativo e significativo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, trabalhar com tirinhas no ensino de inglês é mais do que uma atividade divertida, é uma forma de ensinar respeitando a singularidade do aluno surdo, utilizando estratégias que realmente fazem sentido para ele, e promovendo uma aprendizagem acessível, inclusiva e cheia de significado.

Ao longo desta pesquisa, foi possível perceber que ensinar inglês para estudantes surdos é mais do que aplicar métodos, é escutar com os olhos, acolher com gestos e ensinar com empatia. As tirinhas, nesse cenário, se mostraram muito mais do que simples recursos visuais. Elas são pontes, pontes que conectam o mundo da língua inglesa ao universo de alunos que aprendem com o olhar, que sentem através da imagem e que constroem sentidos a partir daquilo que podem ver, tocar e interpretar. São ferramentas que despertam interesse, provocam sorrisos, geram reflexão e, acima de tudo, possibilitam que esses estudantes se reconheçam no processo de aprendizagem.

Diante dessas percepções, reafirmam-se os objetivos que nortearam esta pesquisa, compreender de que forma o uso de tirinhas pode contribuir para o ensino de língua inglesa a estudantes surdos, analisando suas potencialidades como recurso visual, acessível e inclusivo; além de refletir sobre práticas pedagógicas que valorizem a comunicação visual, o protagonismo dos alunos e a articulação entre Libras e inglês em sala de aula. Ao longo deste trabalho, buscou-se evidenciar que ensinar com intencionalidade, sensibilidade e criatividade pode transformar não apenas a aprendizagem do idioma, mas também a forma como os estudantes se percebem dentro do processo educativo como sujeitos capazes, criativos e plenamente participantes do seu próprio percurso.

A Libras, como primeira língua de muitos desses alunos, é a base que sustenta essa construção. Quando respeitada e integrada ao ensino, ela não apenas facilita a compreensão, mas também fortalece vínculos e dá segurança para que o estudante se arrisque no novo. O Atendimento Educacional Especializado, nesse contexto, tem o papel essencial de acompanhar, mediar, adaptar e, sobretudo, acreditar nas possibilidades de cada aluno.

Mais do que ensinar vocabulário ou estruturas gramaticais, trabalhar com tirinhas é ensinar com afeto, com leveza e com significado. É entender que aprender uma nova língua pode (e deve) ser uma experiência prazerosa, criativa e inclusiva. É mostrar que há espaço para todos na sala de aula, inclusive para aqueles que, muitas vezes, aprenderam a ficar à margem.

Concluir este trabalho é, então, reafirmar uma escolha, a de acreditar que uma educação inclusiva é possível quando há sensibilidade, formação, colaboração e, principalmente, vontade de transformar. Que possamos seguir construindo práticas pedagógicas que respeitem as diferenças, celebrem a diversidade e coloquem os alunos no centro do processo, não como espectadores, mas como protagonistas de suas próprias histórias.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei n.º 10.436, de 24 de abril de 2002.** Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. *Diário Oficial da União: seção 1*, Brasília, DF, 25 abr. 2002.

BRASIL. **Lei n.º 13.146, de 6 de julho de 2015.** Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). *Diário Oficial da União: seção 1*, Brasília, DF, 7 jul. 2015.

BRASIL. **Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial.** Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. Brasília: MEC/SEESP, 2008.

FERNANDES, Eulália. **Educação bilíngue para surdos: direitos e práticas pedagógicas.** São Paulo: Cortez, 2011.

GOCOMICS. **Garfield, Fowl Language, Peanuts, Get Fuzzy.** Disponível em: <https://www.gocomics.com>. Acesso em: 2025.

KARNOPP, Lodenir Becker. A organização do espaço pedagógico e o uso da Libras. In: QUADROS, Ronice Müller de (org.). **Educação de surdos: um olhar sobre o professor e a sala de aula.** Porto Alegre: Mediação, 2006. p. 49-66.

LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de. A formação do professor de surdos e o ensino da língua portuguesa. In: LACERDA, Cristina B. F.; SANTANA, Ana Regina C. de (orgs.). **Surdez: abordagens educacionais.** São Paulo: Plexus, 2012. p. 111-126.

LODI, Ana Claudia; HARRISON, Barbara. **Educação bilíngue para surdos: Libras e português como segunda língua.** São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Gêneros textuais: definição e funcionalidade**. São Paulo: Contexto, 2008.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar: o que é? por quê? como fazer?** São Paulo: Moderna, 2003.

MENDES, Enicéia Gonçalves. A educação inclusiva no Brasil: avanços e desafios. *Revista Educação Temática Digital*, Campinas, v. 11, n. 1, p. 153-174, 2010.

MITTLER, Peter. **Educação inclusiva: contextos sociais**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. **Linguística aplicada e vida social: estudos críticos de linguagem**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

PEREIRA, Adriana Oliveira; SILVA, Roberta Regina da. **Histórias em quadrinhos no ensino de inglês como L2 para surdos**. *Revista Letras & Letras*, Uberlândia, v. 33, n. 2, p. 264-289, 2017.

QUADROS, Ronice Müller de. **Educação de surdos: a aquisição da linguagem**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

QUADROS, Ronice Müller de; SCHMIEDT, Maria Helena. **Libras na educação de surdos**. Florianópolis: UFSC, 2006.

SKLIAR, Carlos. **A educação do sujeito surdo: diferenciação, identidade e práticas pedagógicas**. Porto Alegre: Mediação, 1998.

VYGOTSKI, Lev Semionovich. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

VYGOTSKY, Lev S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.